



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**JAYA MARIA MENEZES BRASIL**

**DIÁLOGO ENTRE DURKHEIM, DONSKIS E BAUMAN PARA COMPREENSÃO  
DO SUICÍDIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**CAMPINA GRANDE**

**2020**

JAYA MARIA MENEZES BRASIL

**DIÁLOGO ENTRE DURKHEIM, DONSKIS E BAUMAN PARA COMPREENSÃO  
DO SUICÍDIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Sociais da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciado em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia

**Orientador:** Prof. Dr. Sebastião Costa Andrade

**CAMPINA GRANDE**

**2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B823d Brasil, Jaya Maria Menezes.

Diálogo entre Durkheim, Donskis e Bauman [manuscrito]: para compreensão do suicídio na sociedade contemporânea / Jaya Maria Menezes Brasil. - 2020. 16 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Sebastião Costa Andrade, COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."

1. Suicídio. 2. Redes sociais. 3. Fenômeno social. 4. Sociedade de consumo. 5. Cegueira moral. I. Título

21. ed. CDD 302

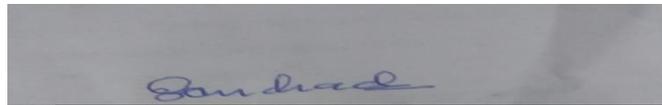
JAYA MARIA MENEZES BRASIL

DIÁLOGO ENTRE DURKHEIM, DONSKIS E BAUMAN PARA COMPREENSÃO DO  
SUICÍDIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Sociais da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciado em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia

Aprovada em: 14/12/2020.

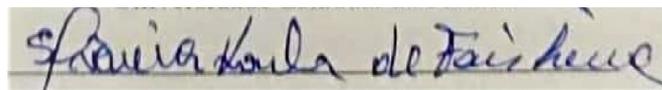
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Sebastião Costa Andrade (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Me. Silvânia Karla de Farias Lima  
Universidade Estadual da Paraíba

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 –	Comentário negativo recebido pela jovem.....	07
Figura 02 –	Comentário sobre empatia.....	12
Figura 03 –	Comentário de ódio e culpabilização.....	13
Figura 04 –	Comentários de ódio e intolerância.....	14

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO SOCIAL.....	6
2.1 A influência das redes sociais: o caso Alinne Araújo .....	7
3 METODOLOGIA.....	8
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	8
4.1 Durkheim e o suicídio como fenômeno social .....	8
4.2 Bauman, Donskis e o mal da sociedade moderna .....	10
4.3 A invisibilidade e o consumo de Alinne Araújo.....	11
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	14
REFERÊNCIAS .....	15

## **DIÁLOGO ENTRE DURKHEIM, DONSKIS E BAUMAN PARA COMPREENSÃO DO SUICÍDIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

### **DIALOGUE BETWEEN DURKHEIM, DONSKIS AND BAUMAN FOR UNDERSTANDING SUICIDE IN CONTEMPORARY SOCIETY**

Jaya Maria Menezes Brasil\*

#### **RESUMO**

O suicídio se afigura, hoje, como um problema de saúde global. Para entender suas causas, é preciso estudar a vida, sobretudo, as relações humanas. E o estudo das relações humanas não pode desconsiderar o efeito que a Internet proporcionou no modo como as pessoas se conectam. Nesse sentido, o presente artigo fez uma análise sociológica do suicídio e da influência da Internet nesse processo através do diálogo entre as teorias de Durkheim, Donskis e Bauman. Pretendeu-se compreender quais são as causas sociais do fenômeno, a fim de servir de base para medidas eficazes de prevenção. A pesquisa fez um levantamento bibliográfico dos autores citados e estudo do caso envolvendo Alinne Moraes, influenciadora digital que se suicidou após receber inúmeros comentários negativos em suas redes sociais. Observou-se que o suicídio é um fenômeno social e que o índice de mortes voluntárias está relacionado às características da sociedade. Na sociedade contemporânea, a lógica de mercado foi transplantada para as relações sociais, resultando na fragilidade dos relacionamentos e na indiferença ao outro. A Internet potencializa a cegueira moral, assemelhando-se aos mercados e tendo como principal produto a privacidade alheia. Conclui-se que para evitar a desintegração social, assim como para prevenir o suicídio, é preciso quebrar a bolha de invisibilidade a que a sociedade se submeteu.

**Palavras-chave:** Suicídio. Redes sociais. Fenômeno social. Sociedade de consumo. Cegueira moral.

#### **ABSTRACT**

Today, suicide is as a global health problem. To understand its causes, it is necessary to study life and human relationships. The study of human relations cannot disregard the effect that the Internet has had on the way people connect. This article made a sociological analysis of suicide and the influence of the Internet in this process through the dialogue between the theories of Durkheim, Donskis and Bauman. It intended to understand what are the social causes of the phenomenon, in order to serve as a basis for the elaboration of effective preventive measures. The research carried out a bibliographic survey of the aforementioned authors and a case study involving Alinne Moraes, a digital influencer who committed suicide after receiving numerous negative comments on her social networks. It was observed that suicide is a social phenomenon and that the rate of voluntary deaths is related to the characteristics of society. The logic of the market has been transplanted into social relations, resulting in the fragility of relationships and indifference to the other. The Internet enhances moral blindness, resembling markets and having the privacy of others as its main product. To avoid social disintegration, as well as to prevent suicide, it is necessary to break the invisibility bubble to which society has undergone.

**Keywords:** Suicide. Social network. Social phenomenon. Consumer society. Moral blindness.

---

\* Graduanda em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jaya.mbrasil@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A cada quarenta segundos, uma pessoa tira a própria vida. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (Suicide in the world, 2019), em 2016, o suicídio era a segunda causa de morte de pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos. Apesar dos dados alarmantes, o problema não é novo. O suicídio é conhecido desde a Antiguidade e, mesmo assim, dado os números crescentes da prática, o ser humano parece ter falhado na descoberta de meios eficazes à prevenção do suicídio.

Mas como prevenir um problema sem conhecer suas causas? Nas palavras de Botti (2019, p. 3), “a compreensão do morrer como um processo em vida, o fim da vida por suicídio, em geral desvela-se numa trajetória silenciosa e invisível que fala mais da vida que da própria morte.”. Embora seja um fenômeno com diversas causas, a compreensão do suicídio passa pelo estudo da vida e, sobretudo, das relações humanas.

O modo do ser humano se relacionar uns com os outros têm sofrido intensas modificações com a revolução digital. A Internet influencia no modo como as pessoas se relacionam. Em julho de 2019, a morte da influenciadora digital Alinne Araújo após o recebimento de comentários negativos *online* abriu o debate para a relação entre suicídio e redes sociais. O estudo das causas do suicídio deve, também, considerar a interferência da Internet na vida humana.

Dada a relevância do tema, o presente artigo busca fazer uma análise sociológica do suicídio e da influência da Internet nesse processo através do contraponto entre as teorias de Durkheim, Donskis e Bauman. Entende-se que o diálogo entre esses teóricos tem muito a contribuir para a compreensão do problema, uma vez que se, por um lado, Durkheim foi o primeiro a tratar o suicídio como fenômeno social, Donskis e Bauman destacam as mudanças nas relações interpessoais e na moralidade social no mundo contemporâneo pós-Internet.

Assim, pretende-se investigar quais características da sociedade contemporânea contribuem para uma postura suicida. Enquanto não se puder visualizar com clareza o problema e suas causas profundas, não se poderá traçar estratégias que sejam realmente eficazes para superar o problema.

## 2 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO SOCIAL

Para Albert Camus (2010), só há uma questão filosófica verdadeiramente importante: o suicídio. Saber se a vida vale a pena ou não ser vivida é o questionamento primordial da filosofia. Estudar sobre a morte passa, necessariamente pelo estudo da vida humana e também, por ser o homem um animal político, da sociedade.

Foi Émile Durkheim que, em 1897, deu os primeiros passos para o estudo do suicídio como um fenômeno social. Ele o conceitua como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”. (DURKHEIM, 2000, p. 14). Ao analisar a taxa de suicídios de diversos países ao longo do tempo, o francês constatou certa constância e invariabilidade, expressando uma tendência ao suicídio pela qual cada sociedade é coletivamente atingida. Isso significa que, ao longo dos tempos, cada sociedade tem uma predisposição ao suicídio. Dessa forma, ao sociólogo interessa investigar quais fatores atingem o grupo, de modo a gerar essa predisposição.

Ao contrário de Durkheim, Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis não traçaram um estudo específico sobre o suicídio. Porém, analisaram fortemente as relações humanas, os sentimentos e os valores morais no mundo contemporâneo. Ao analisar o modo como as pessoas se relacionam na pós-modernidade, os sociólogos se debruçaram sobre o problema da insensibilidade e suas consequências morais e políticas. Partindo-se do pressuposto, afirmado

por Botti (2019), de que qualquer resposta de valorização da vida e prevenção ao suicídio precisa dialogar sobre o viver, as reflexões dos teóricos sobre a precarização dos relacionamentos são essenciais para o estudo do suicídio sob uma perspectiva sociológica.

É preciso dar ainda mais um passo. Numa sociedade marcada pelo uso da Internet, é impossível ignorar os efeitos da tecnologia nas relações humanas. Com efeito, Marta (2016) pontua que a revolução nas tecnologias está mudando, profunda e radicalmente, a natureza do ser humano e, conseqüentemente, o relacionamento com o mundo e com outras pessoas acaba por sofrer uma brusca mudança. Essas mudanças devem ser consideradas na análise das causas sociais do suicídio.

## 2.1 A influência das redes sociais: o caso Alinne Araújo

No dia 15 de julho de 2019, a Internet entrou em polvorosa com a notícia do suicídio da blogueira Alinne Araújo. A jovem, que sofria de depressão e ansiedade, mantinha um perfil na rede social Instagram (@sejjesincera) no qual falava abertamente sobre as doenças, no intuito de acolher pessoas com problemas semelhantes. No dia 13 de julho, ela usou as redes sociais para informar que o noivo havia rompido o relacionamento por mensagem através do aplicativo Whatsapp, um dia antes do casamento.

Mesmo assim, decidiu manter a cerimônia e realizou um casamento solo, que também publicou na Internet. Segundo o site Marie Claire (2019), o número de seguidores do perfil @sejjesincera saltou de 26 mil para 400 mil após o casamento viralizar nas redes sociais. O aumento da audiência foi acompanhado de uma avalanche de comentários negativos, que atingiu Alinne. Segundo O Estado de São Paulo (2019), ela declarou no Instagram: “Vocês estão querendo mandar no jeito de eu sentir as coisas. Podem criar a história que vocês quiserem nas suas cabeças. Não estou nem aí para os *haters*”<sup>1</sup>. Os internautas a acusavam de forjar a situação para se promover e ganhar fama, havendo, inclusive, propagação de notícias falsas, através de perfis anônimos, como na imagem abaixo:

**Figura 01** – Comentário negativo recebido pela jovem



Fonte: Mobster, 2019.

<sup>1</sup> O termo *haters* se referem a pessoas que ofendem as outras na Internet.

A enxurrada de ódio foi demais para Alinne que, no dia seguinte, pôs fim à própria vida. A notícia do suicídio se espalhou rapidamente nas redes sociais, causando grande comoção entre perfis famosos, que fizeram um apelo contra o excesso de críticas e falta de empatia no mundo virtual. Após a morte, as duas últimas publicações da blogueira (retratando o casamento solo e o rompimento do noivado, respectivamente), tiveram um *boom* de audiência, contando, hoje, com mais de 30 mil comentários, cada. Além de lamentos pelo ocorrido, eles revelam curiosidade pelo que aconteceu, desinformação sobre a doença e culpabilização do noivo. Este, inclusive, apagou as redes sociais logo em seguida após receber inúmeras críticas.

O caso de Alinne é emblemático por diversos motivos. Primeiro, por despertar o debate acerca do uso da Internet para a propagação do ódio e de seus efeitos na vida do alvo das ofensas. Além disso, a partir dele, é possível notar o desrespeito à dor alheia, a mediatização do suicídio e a obsessão em buscar culpados após a tragédia. Por todas essas características, foi selecionado para compor o presente estudo.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa traz uma abordagem qualitativa, na medida em que se debruça sobre teorias e dados não mensuráveis. Sua natureza é predominantemente teórica, uma vez que não intervém diretamente no plano da experiência, embora não se afaste por completo do real. Quanto ao objetivo, é exploratória, de acordo com Gil (2002), uma vez que pretende proporcionar maior familiaridade com o problema e torna-lo mais explícito.

Os procedimentos utilizados foram o levantamento bibliográfico e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica focou no recorte da temática sobre relações humanas e desintegração social nas obras de Émile Durkheim, Leonidas Donskis e Zygmunt Bauman. Paralelo aos estudos teóricos, foi feito o estudo do caso envolvendo a blogueira Alinne Araújo, de modo a auxiliar o conhecimento e redefinição do problema, caracterizando-se, conforme Gil (2002), como estudo de caso instrumental. O caso foi escolhido por ser recente e ter causado grande repercussão na mídia, além de ter sensibilizado a autora.

Por fim, na análise dos dados coletados, utilizou-se o método dialético, através do enfrentamento dos teóricos citados.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir, serão apresentadas as principais contribuições dos sociólogos Durkheim, Donskis e Bauman para a elucidação das causas sociais do suicídio, a partir do levantamento bibliográfico realizado. De posse desses dados, será feita a análise do caso selecionado para, por fim, traçar que características da sociedade atual predis põem seus integrantes a tirarem a própria vida.

#### **4.1 Durkheim e o suicídio como fenômeno social**

Segundo Durkheim, o objeto de pesquisa do sociólogo é o conjunto de suicídios ocorridos numa sociedade em determinado espaço de tempo, o que ele caracteriza como “um

fato novo e *sui generis*, que tem sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social”. (DURKHEIM, 2020, p. 17). Partindo dessa premissa, ele investigou as causas sociais de suicídios e seus tipos, para, então, deduzir os efeitos.

Durkheim classificou os suicídios em quatro tipos, todos relacionados ao maior ou menor grau de integração social e regulamentação de uma sociedade. Assim, o suicídio egoísta é motivado pela ausência de integração social, ou seja, quanto mais frágeis as relações, maior a propensão a tirar a própria vida. Já o suicídio altruísta é resultante do excesso de integração social. Aqui o indivíduo confunde-se com a coletividade a ponto de se sacrificar pelo que acredita ser um bem maior. Por sua vez, o suicídio anômico tem suas raízes no enfraquecimento dos laços reguladores, sobretudo em períodos de crise ou mudanças, nos quais ocorre um desequilíbrio e o afrouxamento dos valores morais. Por fim, o suicídio fatalista é causado pelo excesso de regulação sobre os desejos individuais e o cerceamento da individualidade.

Durkheim deu especial atenção ao suicídio egoísta e ao anômico por considerá-los predominantes na sociedade moderna, dado o grau de especialização e individualização que a acompanha. Conformes Vares (2017), a maior autonomia do indivíduo face aos imperativos coletivos, marca da passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas, diminui a força dos valores e crenças comuns, ameaçando a vida coletiva de desintegração. Os demais tipos de suicídio seriam característicos das sociedades tradicionais, embora não tenham deixado de existir na modernidade.

A vida em grupo, ao mesmo tempo em que impõe limites ao homem, é necessária à sua sobrevivência. Durkheim destaca a importância da troca de ideias, sentimentos e da assistência moral mútua na vida em sociedade, permitindo ao indivíduo, em vez de ficar reduzido a suas próprias forças, participar da energia coletiva e nela recompor a sua quando esta chegar ao fim. “Chegamos, portanto à seguinte conclusão geral: o suicídio varia na razão inversa do grau de integração dos grupos sociais de que o indivíduo faz parte.” (DURKHEIM, 2000, p. 258).

Neste ponto, é interessante destacar o conceito de anomia para a teoria de Durkheim. Nas palavras de Bodart (2013, s.p.),

Durkheim buscou destacar que o suicídio é uma doença da época. Para ele a anomia seria a causa principal. A anomia seria um estado marcado pela falta de regulamentação, paixões ilimitadas, horizontes infinitos e tormento: cenário potencializador da prática de suicídio.

O estado anômico seria, portanto, temporário, pontual. Esse contexto aflora em períodos de crise econômica e política e, paradoxalmente, também em momentos de grande prosperidade econômica, em que há um esvaziamento dos valores morais. Numa sociedade de princípios enfraquecidos, o ser humano se sente mais vulnerável à solidão, ao desamparo, predominando o sentimento de falta de apoio social, tornando-o mais propenso à retirada da própria vida.

Dessa forma, Durkheim destaca que, embora não se possa desconsiderar os fatores psíquicos que levam alguém a tirar a própria vida, a taxa de suicídios é um fenômeno social.

É a constituição moral da sociedade que estabelece, a cada instante, o contingente de mortes voluntárias. Existe, portanto, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar”. (DURKHEIM, 2000, p.384).

O comportamento suicida que, à primeira vista, parece revelar apenas traços do temperamento, é na verdade a consequência e o prolongamento de um estado social manifestado exteriormente.

Mais de um século após a publicação de *O suicídio*, é natural que as hipóteses elencadas por Durkheim não sejam mais suficientes para explicar as taxas de mortes voluntárias da sociedade contemporânea. Entretanto, como assevera Vares (2017, p. 34), isso não significa que a obra do estudioso francês fracassou, pelo contrário:

exatamente por seu caráter social, o suicídio se modifica tanto no tempo quanto no espaço. Nesse sentido, as taxas de suicídio nas sociedades atuais só podem ser devidamente compreendidas caso se considere as novas forças coletivas emergentes, os novos arranjos sociais e os novos papéis encarnados pelos atores sociais.

O estudo da sociedade e de suas mudanças é, pois, imprescindível para entender a distribuição do suicídio.

#### **4.2 Bauman, Donskis e o mal da sociedade moderna**

Para Bauman e Donskis (2014), o mal, na sociedade moderna, não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Ele se revela na ausência de reação ao sofrimento de outra pessoa, quando “nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 11). Manifesta-se, sobretudo, através da insensibilidade ao sofrimento humano e do desejo de apoderar-se da privacidade do outro. Esse fenômeno é tratado pelos autores como adiaforização:

Uma saída temporária de nossa própria zona de sensibilidade; a capacidade de não reagir, ou de reagir como se algo estivesse acontecendo não com pessoas, mas com objetos físicos, coisas, e não seres humanos. As coisas que ocorrem são desimportantes, não acontecem a nós ou conosco. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 36).

Os autores afirmam que “a destruição da vida de um estranho, sem haver a menor dúvida de que se cumpre o dever e de que se é uma pessoa moral, essa é a nova forma do mal, o formato invisível da maldade na modernidade líquida”. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 12). Na era na Internet, o mal se remodela e potencializa, na medida em que surgem novas formas de censura, baseadas no ódio sem face e nas demonstrações virtuais da indiferença humana, especialmente nos comentários anônimos. Essa insensibilidade marca o conceito de cegueira moral.

A sociedade moderna é uma sociedade de consumo. A cegueira moral está relacionada ao transplante do padrão da relação consumidor-mercadoria às relações humanas.

Como consumidores, não juramos lealdade permanente à mercadoria que procuramos e adquirimos para satisfazer nossas necessidades ou desejos; e continuamos a usar esses serviços enquanto eles atenderem às nossas expectativas, porém não mais que isso – ou até que deparemos com outra mercadoria que prometa satisfazer os mesmos desejos mais plenamente que a anterior. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 16-17).

Desse modo, na sociedade líquida, as relações humanas duram enquanto trazem algum deleite. Conforme Botti (2019), a fragmentação e descontinuidade das relações humanas favorece um sentimento de não-pertença, que culminam num sentimento de vulnerabilidade.

Tão logo são consideradas desnecessárias, as relações são descartadas – muitas vezes, apenas com alguns cliques em um aplicativo.

Outra manifestação do mal na era moderna é a morte do anonimato. Tudo o que é privado é potencialmente público na sociedade do consumo: “todos nós somos consumidores de mercadorias, e estas são destinadas ao consumo; uma vez que somos mercadorias, nos vemos obrigados a criar uma demanda de nós mesmos.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 28). A revolução digital incentiva a própria exposição. É preciso ser visto para ser alguém. A Internet e as redes sociais se tornam uma versão do mercado, resultando numa sociedade confessional.

Entretanto, toda essa exposição, os milhares de amigos e curtidas não levam ao aprofundamento das relações humanas, pelo contrário, aprofundam a insensibilidade. Um exemplo disso é a banalização da violência. Com toda a troca de informações possibilitada pela Internet, a violência exibida cotidianamente deixa de provocar repulsa. Além disso, enquanto acontece com o outro, é considerada irreal, pois o outro está distante e, no fundo, não importa. É preciso uma grande catástrofe para chamar a atenção da massa. Grandes tragédias causam grandes comoções. Porém, a intensidade com que são noticiadas é proporcional à velocidade com que são esquecidas. Enquanto isso, fecha-se os olhos para a contínua degradação das relações sociais que destrói, lentamente, a vida humana. Vidas são perdidas ou desperdiçadas diante “do monstro da tecnologia e do funcionamento impróprio de uma sociedade cada vez mais blasé, insensível, indiferente e despreocupada”. (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 42).

Se, por um lado, o sofrimento diário do outro perde importância, o sofrimento resultante das catástrofes é consumido fervorosamente. As vítimas tornam-se celebridades. A espetacularização do vitimismo não tem nenhuma relação com solidariedade: trata-se de um consumo indiferente, vivenciado a uma distância segura da dor ou por meio de uma relação de poder. “Solidariedade por encomenda e que só dura enquanto existe a demanda (e nem um minuto a mais).” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 104).

Os autores concluem que quebrar a cegueira da insensibilidade é, portanto, o maior desafio ético-político da presente época. É o que se espera das ciências humanas e sociais.

### **4.3 A invisibilidade e o consumo de Alinne Araújo**

Trazendo as teorias de Durkheim, Bauman e Donskis para o caso em estudo, a partir de uma leitura dialética, é possível extrair alguns dados interessantes sobre a sociedade atual.

O caso de Alinne corrobora com a teoria apontada por Durkheim de que o suicídio é impulsionado por causas sociais. Por óbvio, há fatores de ordem psíquicas envolvidos; no caso, a jovem sofria de depressão e ansiedade, doenças que têm como sintoma a predominância do pensamento suicida. Além disso, já se encontrava fragilizada por causa do rompimento do noivado. Entretanto, é inegável que as severas críticas recebidas após a manutenção da cerimônia – portanto, fatores externos – tiveram impacto na tomada de decisão. A garota não estava acostumada a toda essa exposição de uma hora para a outra.

Ao perquirir a causa de tantos comentários negativos, destaca-se a desintegração social, alimentada pela cegueira moral de que tratam Bauman e Donskis. A ausência de sociedade, apontada por Durkheim como uma das causas para explicar a taxa de suicídios, paradoxalmente, se revela num momento de hiperconexão proporcionado pela revolução digital. Conforme Marta (2016), hoje a comunicação está ao alcance de todos. O mundo está cada vez menor e as pessoas parecem mais próximas, mas a comunicação está permeada de

ruídos. Não há, efetivamente, diálogo, apenas discursos<sup>2</sup>. Nesse contexto, a coletividade se desintegra e o outro passa a ser invisível.

Por não enxergar o outro, o sofrimento alheio é irrelevante. A invisibilidade do outro dá espaço à irresponsabilidade nas relações humanas, favorecendo os discursos de ódio. Os autores dos comentários depreciativos à Alinne Araújo ignoraram o abalo emocional da jovem, agravado pelas doenças mentais de que sofria. A dor do outro, quando não é apresentada como uma grande catástrofe a ser consumida, é banal, é indiferente.

Botti (2019), que se debruçou sobre o mesmo caso, afirma que a quebra dos laços sociais e o individualismo contemporâneos apontam para um estado de anomia. De fato, presencia-se, como destaca Marta (2016), a diluição dos valores estabelecidos pela sociedade ocidental. Para Durkheim, o estado anômico é temporário, resultado de momentos de crise. Porém, dada a paulatina derrocada da regulamentação social movida pela fluidez dos princípios morais na sociedade de consumo, é de se questionar: a anomia é, realmente, um estado transitório? Santos (2020) pontua que desde a ascensão do neoliberalismo, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Tal crise permanente tem por objetivo não ser resolvida, dada a sua utilidade à lógica de mercado. A resposta a essa pergunta foge ao escopo do artigo. Por hora, pretende-se apenas mostrar que a que a noção de anomia trabalhada por Durkheim se comunica com o conceito de cegueira moral presente na obra de Bauman e Donskis.

Se, por um lado, a indiferença desumaniza o outro, as grandes catástrofes têm o poder de conceder humanidade. Mais: o estrelato. A divulgação da morte de Alinne foi a grande tragédia, de que falam Bauman e Donskis, capaz de tirar os indivíduos do estado de inércia. Numa sociedade insensível, em que as atenções só são despertadas por estímulos sensacionais e destrutivos, é preciso tornar-se um astro ou uma vítima para chamar a atenção. O herói tradicional é substituído pela vítima, que “ressuscita a dignidade dos degradados, mas cobra o preço da morte do herói e da glorificação da destruição.” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 37).

A dor de Alinne, em vida, foi invisível, como são invisibilizados e estigmatizados muitos dos portadores de doenças mentais, sobretudo a depressão. Após sua morte, a jovem foi consumida como um espetáculo. Suas últimas publicações tiveram um aumento de audiência, com muitas mensagens de luto. Impressiona a quantidade de comentários de pessoas que não a conheciam lamentando a sua morte. Além disso, destacam-se mensagens de apoio à família, de amparo a outras vítimas de depressão e apelos por menos julgamento na Internet. A título de exemplo, selecionou-se o comentário abaixo:

### Figura 02 – Comentário sobre empatia

**gaby\_a\_araujo** Vi que ela ganhou muitos seguidores depois que morreu, pra que? Agora é tarde, vocês não vão ver mais ela falando, sorrindo, ajudando outras pessoas, etc. Por isso pense muito bem quando vc for abri a boca pra critica uma pessoa, nunca se sabe oq se passa dentro da cabeça das pessoas que escuta críticas e julgamentos, elas podem até tá sorrindo, mas por dentro tá destruída (o)

61 sem 15 curtidas Responder

**Fonte:** Seje Sincera, 2019.

<sup>2</sup> A autora diferencia diálogo e discurso: “O diálogo é intersubjetivo, se dá em clima de responsabilidade, há abertura para respostas; enquanto o discurso é objetivo, fala sobre objetos, suprime o diálogo e determina imperativamente o comportamento dos receptores.” (MARTA, 2016, p. 166).

Após a catástrofe, a vítima se torna herói, celebridade, e surge uma solidariedade em massa a ela, como se pode ver no caso em estudo. Bauman e Donskis (2014) apontam que tal solidariedade não tem raízes profundas, desfazendo-se assim que surge o próximo espetáculo a ser consumido. Poder-se-ia argumentar que, apesar de tudo, a midiaticização do caso trouxe pontos positivos. À época, várias personalidades famosas se posicionaram a respeito do tema, conforme noticiado na mídia<sup>3</sup>. Houve campanhas de conscientização para um uso mais tolerante da Internet, chamou-se a atenção para a seriedade da depressão e foram disponibilizados números e grupos de apoio para a acolhida de quem sofresse com problemas semelhantes.

Entretanto, a realidade não é tão animadora e parece confirmar o postulado dos teóricos. Para se ter uma ideia, ao analisar as manifestações nas redes sociais durante o Setembro Amarelo, campanha de prevenção ao suicídio, Botti (2019) chegou à conclusão de que, desde 2016, há ano após ano, um aumento de iniciativas, mas em geral sem uma reflexão crítica, gerando efeito oposto e colaborando com a construção de estigmas sociais. No mesmo escopo, uma pesquisa realizada pela organização Comunica Que Muda (2017), que analisou as menções ao suicídio nas redes sociais entre abril e maio de 2017, constatou que 52,8% das menções teve uma postura neutra, sem posicionamento claro na postagem. Os dados apontam que o tema suicídio na Internet é tratado de forma periférica e sem grande conscientização.

Se, por um lado, a comoção não leva o público a tratar o suicídio de forma reflexiva, por outro, tem o viés negativo fomentar mais ódio. Se o herói está morto, é preciso buscar um vilão. Dentre os comentários, destacam-se muitos usuários à procura do perfil do noivo, tratado como culpado pelo ocorrido, bem como diversas críticas a sua postura, indiferentes ao seu sofrimento, conforme o excerto a seguir:

### Figura 03 – Comentário de ódio e culpabilização

**guidupds** Ele tem culpa sim esse verme fez isso por causa da merda de um dinheiro de bens que isso cara que ser humano é você ? essa era a ajuda que dava pra ela ? esse era o bem que queria pra ela ? SLK vc merece coisa pior cara ! . Até uma mulher que não tem depressão se passase por isso não aguentaria tanto sofrimento assim, fiquei muito mais muito triste com a história dessa moça ela não merecia isso tava na cara que ela ia fazer besteira nenhuma mulher merece passar por isso ! muito mais muito triste deixo todo meu ódio contra vc cara seu verme seu lixo seu bosta 😞

60 sem 2 curtidas Responder

**Fonte:** Fonte: Seje Sincera, 2019.

Além disso, foram encontradas ofensas contra os que outrora criticaram a garota. Embora a intenção de responsabilizar os autores das primeiras críticas seja justificável do ponto de vista jurídico, uma vez que a lei brasileira estabelece limites para a liberdade de

<sup>3</sup> A título de exemplo, ver Labate (2019).

expressão<sup>4</sup>, o tom dos comentários é de agressividade, não sendo raro o uso de palavrões e xingamentos. Tal postura acaba por gerar um círculo de ódio e intolerância capaz, que ignora os efeitos do discurso no interlocutor. Foram extraídos alguns exemplos na Figura 04.

Como se pode ver, a cegueira moral tem consequências drásticas. A indiferença à dor do outro leva à falta de responsabilidade emocional nas relações. Ao mesmo tempo em que cria uma espiral de ódio e intolerância, cria barreiras às relações humanas, tornando as pessoas cada vez mais distantes. O ódio gratuito e o distanciamento favorecem o sentimento de desamparo e de vulnerabilidade que levam o indivíduo a não querer mais fazer parte daquela comunidade, por sentir que não pertence a ela, não é bem-vindo. A indiferença pode ser tão dolorosa a ponto de fazer o outro querer deixar de existir. Depois que acontecem as grandes catástrofes, a sociedade se mobiliza, numa aparente união, porém tão logo surge outra notícia fantástica, os fatos são esquecidos, de modo que não há e nem se cria um ambiente propício à reflexão sobre as causas do suicídio. Sem crítica e sem mudança, a situação tende a se repetir.

**Figura 04** – Comentários de ódio e intolerância

**gusthavofontesx** Para todos aqueles que deixaram um comentário de odio aqui,saibam que vocês que causaram a morte da garota,seus filhos da puta!  
61 sem 1 curtida Responder

**leonardokdc** Cadê os FDP que meteram pau na garota? São covardes, escória da sociedade e vão queimar no inferno. Que sofram primeiro aqui na Terra. Vocês tem culpa pela morte dela. Lixos!  
61 sem 3 curtidas Responder

**Fonte: Fonte:** Seje Sincera, 2019.

Dessa forma, a ausência da sociedade resta consubstanciada na precarização das relações humanas e é uma ameaça à coletividade e ao próprio ser humano. O maior mal que a contemporaneidade tem que combater não está fora: está dentro. Para combatê-lo, é preciso quebrar a bolha da indiferença e, efetivamente, enxergar o outro.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo entre Durkheim, Bauman e Donskis permite que se tenha mais clareza acerca da relação entre sociedade e suicídio, bem como sobre a influência da Internet na decisão de tirar a própria vida.

Com Durkheim, entende-se que o suicídio, para além das causas psíquicas, é um fenômeno que pode ser estudado socialmente. Com Bauman e Donskis, pode-se traçar um panorama do desenvolvimento das relações humanas e da moral na contemporaneidade, a fim de jogar alguma luz sobre as causas sociais do problema.

---

<sup>4</sup> Segundo o artigo 122 do Código Penal Brasileiro, é crime induzir ou instigar alguém a cometer suicídio, dobrando-se a pena caso a conduta tenha sido realizada por meio da rede de computadores, de rede social ou transmitida em tempo real.

Por tudo o que foi exposto, pode-se considerar a cegueira moral como um fato social determinante, atualmente, para os índices de morte voluntária. Os relacionamentos são cada vez mais precários e a sua superficialidade leva à invisibilidade do outro – e as consequências são trágicas.

A Internet, por mais que não tenha criado as barreiras ao relacionamento humano, as potencializa, na medida em que é uma grande vitrine por meio da qual a privacidade é mercadoria. Sabe-se tudo da vida do outro, mas seu sofrimento não tem importância, a não ser quando se torna um espetáculo a ser consumido.

Diante desse cenário, a desintegração da coletividade é uma preocupação séria. O grande desafio do mundo contemporâneo é: o que fazer para evitar o colapso? Para vencer o estado de anomia, que parece cada vez mais tender à permanência, é preciso enxergar o outro, dar-lhe, novamente, humanidade, para além da tela branca de um celular. Para isso, é preciso admitir e entender o problema. O primeiro passo para a sua resolução é o conhecimento de suas causas, para o qual a presente pesquisa espera ter contribuído.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BODART, Cristiano das Neves. O Suicídio em Durkheim: alguns apontamentos. **Blog Café com Sociologia**, 2013. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/suicidio-emile-durkheim/>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Desafios éticos e suicídio na pós-modernidade. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 21, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/download/12395/7002>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm). Acesso em 21 de setembro de 2020.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

**COMUNICA QUE MUDA**. Dossiê sobre suicídio. 01 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.comunicaquemuda.com.br/dossie-sobre-suicidio/>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

LABATE, Fernanda. Morte trágica de blogueira toma as redes e famosos fazem apelo por menos ódio. **Vix**, 16 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/comportamento/576267/morte-tragica-de-blogueira-toma-as-redes-e-famosos-fazem-apelo-por-menos-odio>.

**MARIE CLAIRE.** Ex-noivo de Alinne Araújo volta às redes sociais: "Estou tentando seguir em frente". 24 de julho de 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2019/07/ex-noivo-de-alinne-araujo-volta-redes-sociais-estou-tentando-seguir-em-frente.html>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

MARTA, Larissa. Violência velada: discurso da massa robotizada. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, Rs: Educs, 2016. p. 157-174.

MOBSTER, Italiana. **Ela começou a receber esse tipo de comentário**. Brasil, 15 de julho de 2019. Twitter: @izabela\_bonatto. Disponível em: [https://twitter.com/izabela\\_bonatto/status/1150900448771104769/photo/1](https://twitter.com/izabela_bonatto/status/1150900448771104769/photo/1). Acesso em 21 de setembro de 2020.

**O ESTADO DE S. PAULO.** Blogueira Alinne Araújo morre após noivo terminar com ela na véspera do casamento. 16 de julho de 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,blogueira-alinne-araujo-morre-apos-noivo-terminar-com-ela-na-vespera-do-casamento,70002924093>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SEJE SINCERA. **Vocês sabem a dor de confiar em alguém cegamente**. Brasil, 14 de julho de 2019. Instagram: @sejjesincera. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bz5lP2HJBrK/>. Acesso em: Acesso em 21 de setembro de 2020.

**SUICIDE IN THE WORLD.** S. L.: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?ua=1>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

VARES, Sidnei Ferreira de. O problema do suicídio em Émile Durkheim. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, vol. 13, n. 18, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15869>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao Senhor e pai Eterno, por até aqui ter me mantido de pé, com saúde e força, para enfrentar todas as barreiras e dificuldades.

A minha família, pelo amor e cuidado; minha mãe Vânia e meu pai João, minhas irmãs Uana Lorraine e Evellyn Eloisa, e ao meu noivo e futuro esposo, José Carlos, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado nessa caminhada.

A esta instituição universitária à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e todo o seu corpo docente, administração e direção, que nos proporcionou chegar até aqui.

Ao meu orientador e professor, Sebastião Costa Andrade, pelo apoio, as correções, observações e incentivo.

E a todas as pessoas que de alguma forma, direta ou indiretamente participaram, acompanharam e fizeram parte da minha caminhada e formação acadêmica até aqui. De todo o meu coração, deixo meus sinceros agradecimentos.

Muito Obrigada!